

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais  
Departamento de História

JÚLIA PAZIANI BISCEGLI

**A DISTÂNCIA ENTRE A TELA DE CINEMA E O QUADRO DE GIZ: A  
CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO E ROMANTIZAÇÃO DA DOCÊNCIA ATRAVÉS  
DA SÉTIMA ARTE**

Ouro Preto

2024

Júlia Paziani Biscegli

**A DISTÂNCIA ENTRE A TELA DE CINEMA E O QUADRO DE GIZ: A  
CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO E ROMANTIZAÇÃO DA DOCÊNCIA ATRAVÉS  
DA SÉTIMA ARTE**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Curso II, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

**Orientador:** Prof. Marcelo Santos de Abreu.

Ouro Preto

2024



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Júlia Paziani Biscegli

**A distância entre a tela de cinema e o quadro de giz:  
a construção do imaginário e romantização da docência através da sétima arte.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciado

Aprovada em 11 de abril de 2024

### Membros da banca

Prof. Marcelo Santos de Abreu.- Orientador Universidade Federal de Ouro Preto  
Porfa. Maria Franzoni - Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais

Prof. Marcelo Santos de Abreu, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 08/07/2024



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Santos de Abreu, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/08/2024, às 20:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0756395** e o código CRC **5FEC4C27**.

“É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar”  
Paulo Freire

## RESUMO

O cinema e a História são por natureza construtores de narrativas e essas narrativas, impregnadas por nossas concepções sociais, acabam por reforçar estereótipos e imaginários sobre os mais diversos assuntos. Esse artigo pretende debater a contribuição sobre a imagem do professor através dos filmes *Ao Mestre, com Carinho* (1967), *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989) e *Escritores da Liberdade* (2007), discutindo sobre a função dos docentes, sua individualização, seus afetos e limites.

**Palavras-chave:** Educação; Professor; Cinema; Imaginário; Afeto

## ABSTRACT

The cinema and History are naturally narrative builders, and these narratives, influenced by our social conceptions, end up reinforcing stereotypes and perceptions on various topics. This article aims to discuss the contribution to the image of the teacher through the films *To Sir, with Love* (1967), *Dead Poets Society* (1989), and *Freedom Writers* (2007), addressing the role of teachers, their individualization, affection, and boundaries.

**Keywords:** Education; Teacher; Cinema; Perception; Affection

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2. ECO DA SÉTIMA ARTE</b>	<b>7</b>
<b>3. AO MESTRE, COM CARINHO</b>	<b>8</b>
<b>4. SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS</b>	<b>11</b>
<b>5. ESCRITORES DA LIBERDADE</b>	<b>14</b>
<b>6. CONSTRUÇÃO DO FAZER DOCENTE</b>	<b>17</b>
<b>7. AS PROBLEMÁTICAS DO ROTEIRO PROFESSOR SALVADOR</b>	<b>18</b>
<b>8. A DISTÂNCIA ENTRE A TELA DE CINEMA E O QUADRO DE GIZ</b>	<b>21</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>24</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A convergência entre o universo cinematográfico e a docência, em especial a docência em História, acontece muitas vezes através da exibição dos filmes em sala de aula para demonstrar ou exemplificar de maneira mais didática o conteúdo apreendido. Essa relação estreitou seus laços com a revisão das fontes historiográficas durante a década de 70, no século XX, tornando o filme também um objeto ou auxílio da pesquisa histórica. Marc Ferro e Robert Rosenstone debatem sobre a dinâmica em relação a utilização dos filmes na reprodução de um fato histórico ou na representação de uma época. Além dessas utilizações, o historiador José d'Assunção Barros (2007) aponta o cinema como um sujeito histórico já que ele interfere diretamente na História como um instrumento ideológico:

“Um filme, enfim, pode apresentar-se como um projeto para agir sobre a sociedade, para formar opinião, para iludir ou denunciar. Portanto, um projeto para interferir na História, por trás do qual podem esconder-se ou explicitar-se desde os interesses políticos de diversas procedências até os interesses mercadológicos encaminhados pela indústria cultural”<sup>1</sup>.

A produção histórica e a cinematográfica possuem uma enorme discrepância temporal, enquanto é possível apontar o surgimento dos primeiros historiadores na Antiguidade, o cinema só irá emergir por conta da criação de novas tecnologias nos últimos anos da virada do século XIX. No entanto, desde seu início as duas áreas têm como semelhança a apresentação de narrativas. Na Idade Antiga, a História tinha como objetivo anunciar os grandes feitos, dessa forma eternizando os homens que fossem merecedores da imortalidade; “A História acolhe em sua memória aqueles mortais que, através de feitos e palavras, se provaram dignos da natureza, e sua fama eterna significa que eles, em que pese sua mortalidade, podem permanecer na companhia das coisas que duram para sempre”. (Arendt, 2014, p. 78)<sup>2</sup>. Já o cinema, tendo como um de seus recursos a imagem, possui o poder de controle do tempo e degradação das formas materiais, assim é possível eternizar aquilo que está “morto” por meio

---

<sup>1</sup>José d'Assunção Barros. Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história. *Ler História [Online]*, 52. 2007.

<sup>2</sup> Arendt, H. Conceito de História – Antigo e Moderno. In: Entre o Passado e o Futuro. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014



do imagético, preservando tanto sua aparência quanto o simbolismo atrelado a ela (Jorge, 2013)<sup>3</sup>.

Partindo dessa premissa, a sétima arte opera como articuladora e criadora de narrativas capazes de gerar elementos simbólicos, que perduram no tempo e espaço, através do seu potencial ilustrativo. Dito isso, é possível ir além do uso do cinema como material didático e utilizá-lo para analisar a figura do próprio docente e suas representações, como realizado por Mary M. Dalton, nos anos 90 em “O Currículo de Hollywood: quem é o “bom” professor, quem é a “boa” professora?”<sup>4</sup>.

Ademais, há outros diversos estudos sobre a imagem do professor abrangendo outros tipos de mídia como jornais, rádio, telenovelas e produções brasileiras. A título de exemplo “Representações sociais e comunicação: a imagem social do professor na mídia e seus reflexos na (RE) significação identitária”<sup>5</sup>, de Claudomilson Braga, Pedro Humberto Faria Campos e “Educomunicação: imagens do professor na mídia”<sup>6</sup> de Adilson Citelli, que abordam a representação do professor de forma pejorativa, tratando de salários, greves e focando em seus resultados acadêmicos e profissionais.

No entanto, o presente artigo não irá tratar da imagem degradada do docente, mas sim do imaginário e visão heroica e profética que o professor é representado. Desse modo, esse texto objetiva discutir os artifícios cinematográficos para a construção de tal imaginário e os limites dessa identidade em nosso mundo concreto a partir dos filmes *Ao Mestre, com Carinho (1967)*, *Sociedade dos Poetas Mortos (1989)* e *Escritores da Liberdade (2007)*. A delimitação entre as três obras justifica-se pelo retrato de diferentes décadas, refletindo em divergentes funções da docência, contudo, mantendo a mesma estrutura narrativa do professor salvador.

Visto isso, será abordada a questão da construção da representação social e do imaginário do docente como um agente de poder de transformação da realidade em que está inserido e seus limites dentro narrativa cinematográfica, a partir de Antônio Nóvoa, “Profissão Professor” e Paulo Freire “Professora sim, tia não”.

---

<sup>3</sup> Jorge, M. S. O cinema e a imagem verdadeira. *ARS (São Paulo)*, 11(22), 99-120. 2013.

<sup>4</sup> Dalton, M. O currículo de Hollywood: quem é o "bom" professor, quem é a "boa" professora?. *Educação & Realidade*, 21(1). 2017.

<sup>5</sup> Braga, Claudomilson Fernandes; Campos, Pedro Humberto Faria. Representações sociais e comunicação: a imagem social do professor na mídia e seus reflexos na (RE) significação identitária. Goiânia: Kelps, 2016.

<sup>6</sup> Citelli, Adilson Odair. Educomunicação: imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012.

## 2. ECO DA SÉTIMA ARTE

A fim de abordar rapidamente a repercussão de cada longa, *Ao Mestre, com Carinho* (1967), uma adaptação do livro biográfico de Braithwaite<sup>7</sup>, é lembrado até nos dias atuais principalmente por sua trilha sonora com a música “To Sir, with Love”<sup>8</sup>. A mesma, dá nome ao filme e foi reconhecida pela revista Billboard como a número um de 1967<sup>9</sup>; também já foi cantada na série *Glee* (2009-2015) como forma de agradecimento a um professor<sup>10</sup>. Aqui no Brasil, em um dos programas de filmes mais populares da televisão brasileira desde 1974, a Sessão da Tarde, o longa foi exibido cinco vezes entre os anos de 82 a 89<sup>11</sup>.

Já *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), dentre os filmes investigados, obteve maior repercussão, seu faturamento mundial foi de US\$235.860.116, o quinto maior do ano<sup>12</sup>. Quanto às premiações ele concorreu às diferentes categorias no BAFTA, César Awards, Golden Globes, sendo no Oscars indicado a melhor filme, ator, diretor e roteiro original, levando apenas o prêmio de roteiro. Além disso, o longa possui diálogos memoráveis com frases clássicas que se tornaram ainda mais populares com o filme como “O Captain, My Captain!” de Walter Whitman e “Carpe Diem. Aproveitem o dia, rapazes. Façam sua vida extraordinária.”, da expressão do poeta Horácio.

Por fim, *Escritores da Liberdade* (2007), baseado na história real e obra *The Freedom Writers Diary*<sup>13</sup>, expõe a dura realidade de uma sala de aula composta por negros, latinos e imigrantes nos Estados Unidos que enfrentam no seu dia a dia a guerra entre as gangues, violência, prisões e morte. O faturamento do filme foi de US\$43.095.175 sendo responsável por três quartos da bilheteria apenas os espectadores nos Estados Unidos.

---

<sup>7</sup> Braithwaite, E. R. *To Sir, With Love*. United Kingdom: Bodley Head, 1959.

<sup>8</sup> Lulu. *To Sir, with Love*. Epic Records [1967]. (2min47s).

<sup>9</sup> Ferreira, Ricardo. “Ao Mestre, Com Carinho”, com mais de meio século, inovou na abordagem do racismo. **Jornal da USP**. 24 de abril de 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/ao-mestre-com-carinho-com-mais-de-meio-seculo-inovou-na-abordagem-do-racismo/>> Acesso em: 08 de agosto de 2023.

<sup>10</sup> Aimée, Tami. “Ao Mestre Com Carinho” Completa 50 Anos E Ainda É Lembrado Como Pioneiro No Tema Educação”. **Woomagazine**. 7 de julho de 2017. Disponível em: <[https://woomagazine.com.br/ao-mestre-com-carinho-completa-50-anos-e-ainda-e-lembrado-como-pioneiro-no-tema-educacao/amp/](https://woomagazine.com.br/ao-mestre-com-carinho-completa-50-anos-e-ainda-e-lembrado-como-pioneiro-no-tema-educacao/)> Acesso em: 08 de agosto de 2023.

<sup>11</sup> **TVGlobo.fandom**. Lista de filmes exibidos na sessão da tarde. Disponível em: <[https://tvglobo.fandom.com/pt-br/wiki/Lista\\_de\\_filmes\\_exibidos\\_na\\_Sess%C3%A3o\\_da\\_Tarde](https://tvglobo.fandom.com/pt-br/wiki/Lista_de_filmes_exibidos_na_Sess%C3%A3o_da_Tarde)> Acesso em: 08 de agosto de 2023.

<sup>12</sup> IMDb. c 1990-2023. Disponível em: <<https://www.imdb.com/>> Acesso em: 08 de agosto de 2023

<sup>13</sup> Gruwell, Erin. *The Freedom Writers Diary: How a Teacher and 150 Teens Used Writing to Change Themselves and the World Around Them*. United States: Tyrell Wickoson, 1999.

### 3. AO MESTRE, COM CARINHO

O longa de 1967, é dirigido e produzido por James Clavell e protagonizado por Sidney Poitier, que dá vida ao papel do professor. Durante o filme, acompanhamos em três atos a história de Mark Thackeray, formado em engenharia, no seu primeiro emprego lecionando. Na primeira parte do filme ele é apresentado à escola e aos problemas que irá enfrentar naquele ambiente, tanto dos alunos como em relação à opinião de outros professores. O segundo ato acontece a partir da virada de atitude que ele tem sobre os alunos, buscando uma maneira de melhorar seus comportamentos e introduzir a eles novas expectativas de vida. Concluindo o filme, no terceiro ato, vemos os resultados gerados pelo esforço do professor na educação dos discentes e a relação que criaram com ele.

A primeira cena inicia com a música tema, homônima ao filme, e um ônibus em movimento, que leva a apresentação do professor ao público, um homem observador, mas bem humorado, que acompanha a conversa de duas senhoras dentro do transporte. Posteriormente, ele realiza seu caminho, chegando à escola, em que depara-se com um garoto, saindo de um banheiro externo fumando um cigarro. Dando sequência, Thackeray esbarra com uma das alunas e vê a sala de aula completamente descontraída, aviõezinhos sendo jogados e alunos fora de suas carteiras. Dessa forma, a primeira impressão sobre a escola é revelada ao mesmo tempo ao espectador e ao professor, construindo assim um contraste entre o ambiente indisciplinado e o profissional sério.

Outro elemento do filme, a fim de ressaltar o caráter de desordem da escola e dos alunos é o professor Weston, uma figura antagonista ao Sr. Thackeray, que sempre o ataca, até mesmo com falas racistas. Neste primeiro ato ele tem falas como: “Então é o novo cordeiro no matadouro? Ou devo dizer, ovelha negra” e “Quem aguenta isso?” referente ao antigo diretor da escola que deixou o cargo. E torna a opinar: “Eu não ficaria, se fosse você” “Voltaria pra casa, enquanto dá”. Ele também se diverge pela sua didática, apontando durante o filme que os alunos precisam de uma boa surra e que a educação é uma desvantagem nos dias de hoje.

Sendo assim, o protagonista começa sua jornada na escola com as informações que a maioria dos alunos ali pertencentes são rejeitados de outras escolas e que o passatempo preferido deles é atormentar os professores. Dado esse cenário, seu primeiro contato com a sala de aula é equivalente ao que foi até então construído no filme, é perceptível o desinteresse dos alunos demonstrado pela sua dispersão na hora da chamada e também a dificuldade que possuem na leitura. No dia seguinte, o professor já aparece procurando um

novo emprego, demonstrando sua desistência da educação, em sala ele permanece passando conteúdos tradicionais e irritando-se com a turma.

O acontecimento que ocasiona na mudança da forma de lidar com os alunos é a queima de absorventes íntimos numa espécie de lareira no meio da sala. A partir disso, ele conversa com a diretora da escola e percebe que deve tratá-los como adultos e suas respectivas responsabilidades. Impõe que ele deve ser chamado de senhor, os meninos pelo seu sobrenome e as meninas de senhorita, além disso as moças devem se comportar com respeito pois precisarão se casar e os homens devem zelar pela sua higiene já que devem ser atraentes para as garotas. Nesse momento inicial, já é possível apontar como o professor aborda questões morais e que abarcam além do conteúdo pragmático ensinado na escola.

Durante uma das aulas, eles perguntaram ao mestre sobre casamento e há uma troca sobre a vida pessoal e os problemas dos alunos e do professor, em outra ele os ensina a fazer salada, afirmando que aquilo é para sua sobrevivência. Mais uma vez diferenciando-se dos assuntos clássicos escolares e preparando seus alunos para a vida adulta.

Mais um ponto abordado por ele é sobre a rebelião, ele ensina aos alunos que é possível rebelar-se de várias formas e consegue uma ida ao museu com eles, que é mostrada de forma dinâmica através de uma montagem de momentos aproveitando o passeio acompanhando o ritmo da música tema. A mudança de comportamento dos alunos e as conquistas do professor tornam-se visíveis a todos e incomodam Weston, que como já apontado anteriormente realiza a função de se opor ao professor Thackeray, potencializando assim seus grandes feitos.

Com a adaptação dos alunos à disciplina e aos bons modos, seus problemas pessoais começam a vir à tona; uma das alunas levou um bebê para a sala de aula, já que não podia deixar o irmão sozinho em casa. A mãe da Sra. Dare compareceu a escola para pedir ao professor conversar com a filha já que ela não a escuta. E um dos alunos perde a mãe e vai à escola afirmando que não tem nenhum outro lugar para ir.

Esses três principais acontecimentos demonstram como a vida pessoal e o contexto socioeconômico dos alunos atravessam a sala de aula e o professor passa de educador para uma figura de apoio e até mesmo familiar. Dessa forma, ele torna-se responsável pela mudança de conduta dos alunos, pelo conhecimento que adquirem e também pelos seus conflitos extra escolas, que obviamente fogem de seu controle e da sua capacidade de resolução. Ademais, ele chega até oferecer a um dos considerados “piores alunos” um cargo de professor de boxe na escola para que o aluno tenha um caminho após se formar.

Os minutos finais do longa concentram-se na festa de encerramento do ano letivo da escola em que os alunos prepararam uma surpresa para Thackeray. A música tema é inserida no filme de forma instrumental para suscitar momentos sentimentais toda vez que o professor encontra-se sozinho e reflexivo sobre sua carreira ou a ação dos alunos. É nesse momento de despedida que ela finalmente é cantada por uma de suas alunas, cuja letra aborda as lições aprendidas e ensinadas pelo professor e também o aponta como um amigo, entregando ao final um presente a ele como forma de agradecimento pelo seu trabalho durante o ano.

Por fim, Sr. Thackeray é aceito em seu novo emprego no ramo da engenharia e o filme encerra com ele em sua sala de aula, que é brevemente invadida por um casal de alunos, olhando o presente dos discentes e rasgando a aprovação do outro emprego, demonstrando dessa forma sua pretensão de continuar como professor. Essa cena final expressa como o trabalho do professor de transformação moral e disciplinatória dos alunos precisa ter continuidade para que seja possível mudar a vida de outras pessoas também.

As duas principais questões que abordam a docência nesse longa são a indisciplina da turma e a inexperiência do professor. Toda a imagem sobre os alunos a partir dos outros personagens do filme tornam suas mudanças de atitude ainda mais impressionantes ao público que assiste, construindo a figura do professor como único responsável por essa transição. A indecisão do professor sobre a continuidade na docência e sua redenção à educação no final também corroboram para a edificação do trabalho do professor como compensatório e necessário para a transformação social. Desta maneira, “Ao Mestre, com Carinho” retrata o professor como salvador da moralidade e do futuro dos alunos, usando a trilha sonora como potencializadora do sentimentalismo apresentado, mostrando também a sala de aula como porto seguro e apoio para aqueles que enfrentam uma realidade muito dura.

#### **4. SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS**

A produção estadunidense de 1989 com roteiro de Tom Schulman e direção de Peter Weir, acompanha a vida e o desenvolvimento de um grupo de estudantes na escola preparatória Welton Academy, sendo o professor uma parte essencial mas coadjuvante dessa história. A trama gira em torno de Todd Anderson, Neil Perry, Charlie Danton e Knox Overstreet em busca de descobrirem seus desejos, vocações e expressarem quem eles são e estão se tornando dentro de um sistema que valoriza a tradição e a disciplina. Os jovens não precisam apenas lidar com a escola, mas também suas próprias famílias que colocam grandes expectativas sobre seus estudos e futuros.

É nesse cenário que o professor John Keating, interpretado por Robin Williams, apresenta a seus alunos a possibilidade da revolta, de aproveitar a vida e a arte, indo contra os princípios do mundo ortodoxo em que estão inseridos. Porém, a rebelia dos discentes e o retorno da Sociedade dos Poetas Mortos, anteriormente vigente quando o Sr. Keating era aluno, gera uma repressão ainda maior dos pais e da escola, ocasionando no suicídio de um dos alunos e conseqüentemente a expulsão do professor; mas com a lição para os jovens de não se conformarem com uma realidade autoritária.

A abertura do longa começa com a organização da cerimônia para o início do ano letivo, ressaltando a ordem da escola pela vestimenta formal, a religião, a música e a entrada de alunos carregando estandartes com os quatro pilares da escola: tradição, disciplina, honra e excelência. Nessa mesma cerimônia, o Sr. Keating é apresentado como o novo professor da escola, sendo um ex-aluno da mesma. Nesses primeiros minutos o público também é apresentado à Todd Anderson, novo aluno da escola e irmão de um ex-aluno exemplar; e também o pai de Neil, o qual demanda maior rigorosidade e um futuro já pré estabelecido ao filho. O caráter de cobrança da escola é reforçado por pequenos momentos mostrando estudantes de diversas idades, com falas dos pais ou chorando.

A introdução ao sistema da escola é feita por meio cortes revelando pequenos trechos de aulas de química, latim e trigonometria, destacando a educação tradicional dos professores e a demanda por precisão e resultados. A sequência dessas cenas é a aula de Sr. Keating, que entra assobiando e pedindo aos alunos o acompanharem para fora da sala, dessa forma em contradição com o formato de aula mostrado anteriormente. A primeira lição passada por ele é sobre “Carpe Diem”, aproveitar o dia, viver o máximo dos instantes, pois a morte chegará para todos, mostrando assim os antigos alunos da escola.

As outras aulas de Keating mostradas no filme sempre quebram com a expectativa da aula tradicional: eles rasgam páginas de livros, imita autores, faz com que os alunos subam na mesa, recitam poemas enquanto chutam uma bola de futebol, fazem exercícios ao ar livre etc. Todas essas atividades sempre estão direcionadas para a criação do olhar crítico dos alunos, é trabalhada a importância de ter uma voz própria, de não ser conformista. O contraste das aulas do professor em relação com a filosofia defendida pela escola sempre é colocado em pauta pela montagem do filme, a título de exemplo quando o professor acaba sua fala sobre o lugar da poesia e das paixões na vida, há um corte e a próxima cena são os alunos rezando no refeitório antes de comerem.

Quando o grupo de estudantes acha o anuário do professor Keating, eles o questionam sobre o que era a Sociedade dos Poetas Mortos escrito em sua foto, ele explica

sobre os encontros secretos para discutir poemas e poesias que era realizado em sua época de aluno e um livro é deixado ao Neil com o nome de Keating e da Sociedade na primeira página. A partir disso, ele e seus colegas começam a se encontrar para ler grandes poemas, seus próprios escritos e tocar instrumentos. Além de ser um momento em que eles podem experimentar a arte, realizar os encontros também é uma forma de ir contra as proibições e os pensamentos da severa escola em que eles estão, aumentando cada vez mais, dessa forma, o sentimento libertador deles.

Tratando agora mais particularmente de cada jovem, a trama de Todd gira em torno de sua timidez e do fardo que carrega pela história da sua família na escola, durante o filme ele tenta perder sua vergonha e o professor o ajuda a conseguir recitar o poema em público. Já Knox está apaixonado por uma garota comprometida e faz de tudo para que ela o note, ele usa do “Carpe Diem” e da escrita de seus poemas para ter coragem e tentar conquistá-la. Charlie Dalton é um dos alunos que mais acata os ensinamentos de Keating, ele também assume o nome de Nuwanda para demonstrar sua personalidade revolucionária. O aluno escreve uma carta em nome da Sociedade dos Poetas Mortos para que mulheres sejam aceitas em Welton, o que leva à descoberta da Sociedade pelas autoridades da escola e um castigo físico dado pelo diretor ao Dalton.

A história de Neil Perry é mais drástica, influenciado pelo professor a gostar das artes e seguir seus sonhos, Neil se empenha em participar de uma peça contra a vontade do pai que faz intervenções para que ele pare. O aluno tem uma conversa intimista com o professor que o encoraja a continuar na peça e permanecer no seu desejo de atuar; quando Keating é questionado por ele sobre o porquê está naquela escola sendo que poderia estar em qualquer outro lugar, ele afirma que é porque ama ensinar.

O aluno confronta seu pai e permanece na peça, quando seu pai vai buscá-lo, o professor tenta conversar com ele, mas o Sr. Perry pede para que ele mantenha distância de seu filho, culpando Keating pela vontade de Neil de atuar. Na noite em que chega em casa, o pai briga com Neil e fala que irá colocá-lo em uma escola militar, quando todos vão dormir, o garoto comete suicídio, usando a coroa de sua peça, que remete à imagem de Jesus Cristo com a coroa de espinhos e a arma que o pai guardava em seu escritório; a culpa de sua morte recai sobre a Sociedade dos Poetas Mortos, principalmente sobre o professor Keating.

O filme encerra com os alunos sendo obrigados a culpabilizar Keating, a demissão do professor e o velório de Neil. Posteriormente quando o diretor da escola assume o lugar de suas aulas e ele aparece para buscar seus pertences, Todd, o mais introspectivo, toma coragem e grita ao professor que eles foram coagidos a assinar. Após isso, eles sobem à mesa como

sinal de protesto à repressão do diretor sobre qualquer manifestação a favor do Sr. Keating. Essa ação tomada pelo Todd mostra como os ensinamentos de Sr. Keating afetaram a turma e mesmo ele sendo demitido, são lições que eles levarão para vida toda, além disso ressalta como Todd foi o que mais sofreu transformações durante esse processo.

O principal ponto que aborda a docência nesse filme, diferenciando dos outros analisados, é o poder de contestação e da crítica possível dentro da educação. Enquanto nos outros dois filmes os professores enfrentam a realidade dura dos alunos, buscando maneiras de discipliná-los e criar interesse pelos conteúdos necessários de serem abordados, Sociedade dos Poetas Mortos caminha para a rebeldia e a audacidade contra uma educação dentro da caixinha que desvaloriza a arte e a abstração. Contudo, realiza esse feito mantendo o professor como principal precursor da mudança dos alunos, mesmo com graves consequências da contestação da ordem demonstradas em tela, por fim Sr. Keating ainda é concretizado como um herói, um libertador, para os alunos que vivem aquela realidade repressora. Dessa maneira, o longa utiliza a dualidade entre liberdade e repressão, ordem e contemplação, seja na montagem ou em personagens antagonistas ao professor como o diretor e o pai de Neil, para construir uma imagem do professor, novamente como um salvador e um ponto de escape da realidade doutrinária em que os alunos vivem.

## **5. ESCRITORES DA LIBERDADE**

A adaptação dirigida por Richard LaGravenese, retrata duas principais histórias baseadas em relatos reais da professora Erin Gruwell, interpretada por Hilary Swank e dos diários de seus alunos. O primeiro conflito do longa é construído em torno Erin, em seu primeiro emprego como professora, que precisa lidar com uma sala desinteressada, com a maioria dos alunos de periferia, negros, latinos, imigrantes e sem expectativas em relação à educação. Já o segundo conflito, gira em torno de uma de suas alunas, Eva, vivida por April L. Hernandez, que faz parte de uma das gangues de Los Angeles, assim como muitos de outros alunos, e presencia um assassinato, tendo que tomar a decisão se entrega o verdadeiro assassino, um dos membros de sua gangue, ou se salva a vida de um inocente até então condenado. Dessa forma, permeando entre essas duas narrativas o filme mostra como através da educação é possível modificar a perspectiva de futuro dos jovens e ajudá-los a ter um senso crítico sobre a realidade que vivem, levando em consideração suas questões raciais, políticas e econômicas.



O início do filme apresenta um panorama com as notícias de Los Angeles nos anos 90, exibindo o auge da violência das gangues, em sequência é mostrado o passado de Eva, com sua própria narração, demonstrando como desde pequena ela estava exposta a esse mundo de violência. O longa corta para o ano de 1994, apresentando ao público a professora, em uma roupa formal, conversando com a chefe de departamento antes do início de suas aulas, que já tem suas expectativas reduzidas ao ser informada que deveria cortar a maioria dos livros de seu planejamento, não passar lição de casa e tirar seu colar de pérolas para dar aula.

Seus primeiros minutos dentro de sala de aula após a chegada dos alunos acontece por meio de cortes rápidos, exibindo alunos conversando, desarrumando as carteiras, dormindo, pintando as unhas, mostrando assim por meio da filmagem a desordem e o descontrole da professora em relação à sala. Após alguns incidentes, a professora resolve levar uma letra de Tupac para tentar se aproximar da realidade dos seus alunos e é muito criticada por forjar participar de uma realidade que ela não entende de fato e não sabe como funciona, apenas através de estereótipos; a partir disso, é apresentada uma rápida passagem de tempo projetando cada vez menos alunos em sua aula.

A virada de atitude tanto da professora, como da sala, acontece após um ato preconceituoso dos alunos de espalharem um desenho de Jamal, um aluno negro, zombando do tamanho de seus lábios. Quando o desenho chega a Sra. Gruwell ela tenta dar uma lição à classe comparando o preconceito com as características do colega ao holocausto. Essa discussão sai de seu controle, pois os alunos se revoltam afirmando que ela não compreende a realidade deles, o preconceito que sofrem, seu ódio por brancos e a importância da cor de pele em seu contexto. A aula termina com a professora perguntando quantos alunos sabem o que é o holocausto, apenas um levanta a mão, sendo esse aluno branco e deslocado da turma, mas quando Sra. Gruwell pergunta quantos já levaram um tiro, quase a totalidade da classe aponta que sim.

Na próxima aula a Sra. Gruwell realiza uma dinâmica da linha para conhecer a realidade dos alunos, ela começa tratando de questões como quem ouviu específico artista e termina com perguntas relacionadas a quem já esteve em reformatórios e quem já teve amigos mortos por conta da briga de gangues. A partir disso ela entrega aos alunos um diário e ressalta a importância de retratar a realidade de cada um, seja seus sentimentos, seu passado, o que estão escutando ou vendo. Visto isso, quando a professora começa a ler esses registros, o longa mostra em forma de flashbacks o passado dos alunos, relatos sobre violência doméstica,

abandono, morte, passagens por reformatórios, guerra das gangues, medo de morrer, necessidade de lutar.

Diante da realidade que a professora se depara, ela busca a ajuda de seu pai sobre o que fazer com essas informações e a própria aponta: “Não sou uma assistente social, mal sou uma professora”. No entanto, a partir disso ela começa a se dedicar cada vez mais para seus alunos, arruma um segundo emprego para poder ter recursos e investir em livros para eles, já que a escola não libera verba ou materiais, empenha-se em levá-los ao museu e passar mais tempo em sala de aula após o horário.

A dedicação da Sra. Gruwell começa a realizar mudanças na vida dos alunos, eles se interessam pelas aulas, sentem-se representados, com assuntos que fazem sentido ao seu cotidiano e sua condição racial. Essa mudança e tamanha dedicação da professora começa a incomodar outros personagens. Entre eles seu marido, que se refere com preconceito aos seus alunos, ressaltando a pouca capacidade de aprendizado que eles têm, e em uma briga aponta que essas crianças não são seus filhos para que ela se doe tanto, pedindo para ela escolher entre ele e a sua turma, ocasionando em um divórcio.

O outro ponto antagônico à professora é sua chefe de departamento e outro professor dos anos finais do ensino médio que também duvidam da capacidade dos alunos e criticam a escola por ter virado uma espécie de reformatório. Eles não se conformam com o desempenho e avanços que ela está tendo com sua turma e isso é demonstrado por suas expressões durante o filme e cortes da chefe de departamento indo ao diretor da escola a cada nova notícia que saiu no jornal sobre seus feitos com eles.

A maior realização da professora e dos alunos é trazer Miep Gies, que abrigou e ajudou a esconder Anne Frank para conversar com a classe na escola após terem uma experiência no museu do holocausto e lerem seu diário. Esse contato é decisivo para Eva, que diante de seu conflito de entregar ou não um dos integrantes de sua gangue, decide por fazer o que ela considera certo, salvando a vida de um inocente de ser condenado. Após seu depoimento, a aluna começa a ser perseguida por outras pessoas de sua gangue e precisa morar em outro lugar, pedindo à professora para permanecer na aula após o tempo de término, a professora concorda e até começa a levar os alunos até suas casa em seu carro.

A última luta da professora pelos alunos, encerrando o longa, é a continuidade dela com a turma, já que ela apenas leciona nos primeiros anos, sendo novata, e os últimos anos, por lei, é reservado aos professores com mais tempo de experiência. A exigência de sua continuidade veio dos próprios alunos, que até chegam a chamar ela de “mãe”, atitude que a própria Gruwell contesta, porém que é explicado que seria uma gíria, como sinal de respeito.

Por fim, após lutar na secretaria de ensino, ela consegue a permanência com a turma, fazendo com que alguns sejam os primeiros de suas famílias a se formarem no ensino médio ou irem para a faculdade, a professora ressalta que eles se tornaram como uma família pra ela.

É visto que a principal pauta sobre a docência abordada em “Escritores da Liberdade” é o limite à dedicação e as barreiras enfrentadas pela professora para poder oferecer uma educação de qualidade. Durante o filme, é através da fala dos alunos que é ressaltada a importância da professora para suas vidas, um deles chega a ler seu diário em que conta que ao ser despejado, a sala de aula e os colegas tornou-se um lar para ele, um lugar que ele se sente seguro. O principal dispositivo para o público se compadecer com os alunos e a motivação da professora é a realidade e o contexto de violência que os jovens vivem, sempre sendo colocados em tela em alternância com o presente. Assim, esse longa expõe a história de uma professora, construindo a narrativa que a partir de sua luta e abdicção de alguns setores de sua vida, em conjunto com a vontade dos alunos, é possível construir uma educação transformadora e mudar a realidade dos estudantes.

## **6. CONSTRUÇÃO DO FAZER DOCENTE**

Os três longas possuem diferenças quanto à imagem do docente. No primeiro filme o professor realiza um ensinamento moral e de etiqueta, seu propósito é ensinar aos jovens como se portar e como sobreviver depois de formados dado a realidade de poucas condições financeiras que vivem. Já em *Sociedade dos Poetas Mortos (1989)*, a missão do professor é libertar os jovens de um pensamento ortodoxo, apresentando-os à arte, poesia, sentimentos e acreditarem em seus sonhos. Concluindo, *Escritores da Liberdade (2007)* apresenta uma professora preocupada com o conteúdo pragmático a ser passado aos alunos, no entanto sem deixar de tentar aproximar a realidade deles a esses conteúdos, tornando-os mais palpáveis e com sentido às suas vivências.

Ademais, como já citado anteriormente, os filmes permeiam em meios sociais distintos, influenciando o posicionamento desses professores para além de suas funções docentes pertencentes a cada época. A primeira escola é retratada como uma receptora de maus alunos, os quais apesar de péssimas condições financeiras, não sofrem preconceito racial. Welton Academy é uma escola preparatória da elite, sendo seus alunos já educados por boas maneiras e regras de etiqueta, apresentando uma realidade destoante das demais. A Escola Wilson é criticada por perder seu prestígio após ter que aceitar alunos destinados à reformatórios, tornando-se palco da guerra racial e de gangue que assola Los Angeles.

Assim sendo, Sr. Thackeray é impositor de uma moral, relacionando-se com a figura eclesiástica e aproximando-se mais da gênese da docência, a princípio os professores aderem a uma ética e a um sistema normativo essencialmente religioso (Nóvoa, 1999)<sup>14</sup>. Enquanto isso, a figura de Sr. Keating no final dos anos 80, representa a reação da classe professora à profissionalização do docente pelo Estado, já que a partir dessa época esses profissionais são colocados sob uma lógica acompanhamento e de avaliação reguladora. Por vez, a professora Gruwell demonstra desde o início de sua trajetória sua preocupação com componentes clássicos de uma matriz curricular além da continuidade escolar dos alunos, demonstrando a consolidação da regulação acerca das instituições escolares.

Logo, mesmo o cenário de atuação dos professores sendo distinto, influenciando em diferentes necessidades e possibilidades de ensino, é visto que a própria função do docente alterou-se nesse percurso, influenciando seu papel dentro da sala de aula.

## **7. AS PROBLEMÁTICAS DO ROTEIRO PROFESSOR SALVADOR**

Entre as obras é possível pontuar semelhanças e repetições narrativas. Observa-se que os três longas a fim de construir a imagem do herói professor dispõem de um desafio além dos próprios alunos, pois mesmo sendo um problema inicial, estes se transformam durante a trama. Assim, é necessário que haja um antagonista fixo à figura do professor, pontuando como o docente se diferencia do sistema vigente e engrandecendo seus feitos, já que há sempre um esforço opositor para que ele seja realizado.

No longa *Ao Mestre, com Carinho (1967)*, essa figura opositora é representada pelo professor Weston, cujo as características são de uma pessoa ranzinza e sem paciência. O personagem tem desde falas racistas até falas que subtraem a educação à agressão, sempre desdenhando da situação da escola e desafiando a permanência do novo professor. Por conseguinte, Thackeray é sempre posto a prova, chegando a duvidar de si mesmo e seu potencial, porém, demonstra persistência contra Weston e ao fim, até é invejado pelo professor.

Discorrendo sobre *Sociedade dos Poetas Mortos (1989)*, a própria escola preparatória se apresenta como uma antagonista às ações de Sr. Keating. Toda a estrutura religiosa e disciplinadora demonstrada em oposição a sua educação libertadora do professor acentua seu diferencial. No entanto, a figura principal antagonista a Keating é Sr. Nolan, diretor da escola

---

<sup>14</sup> Nóvoa, A.. O passado e o presente dos professores. In: Nóvoa, A.(org.) Profissão professor. Portugal: Porto Editora, 2<sup>a</sup> edição, 1999, p. 13-31.

que é sempre exibido em um tom de supervisão e julgamento, como se aguardasse o momento para a punição. Durante o longa o diretor age violentamente contra os alunos e orienta Keating a realizar uma educação mais disciplinadora pois os jovens ainda não tem idade de serem críticos, potencializando assim seus atos de rebeldia contra ele e a escola.

Além disso, o pai de Neil também pode ser considerado um antagonista, mesmo com menor tempo de tela, os momentos de sua presença são definitivos para a trama e ele entra em contradição diretamente com o professor sobre o futuro do filho. No início do longa ele impõe seus valores que estão em consonância com a escola e deixa evidente o que espera do menino. Dessa forma, o espectador sabe desde o início como as ideias e o encorajamento do professor para Neil seguir seus sonhos pode ser prejudicial ao estudante. Ao final vemos o pai pedir para que ele se afaste do filho, reforçando o pensamento de Sr. Perry que Neil só obteve essas vontades por conta do professor, e em sequência vemos seu suicídio perante tamanha repressão do pai.

Em *Escritores da Liberdade (2007)*, o antagonismo principal fica por conta da chefe de departamento Margaret, que posteriormente se une a um dos professores da escola, a qual também mostra um temperamento rabugento. Do começo ao fim do filme ela tenta invalidar as tentativas educacionais da professora, demonstrando sua crença que os jovens daquela classe social não possuem capacidade e não merecem ter uma educação de qualidade, se opondo à Sra. Gruwell. Ela aponta como as práticas da professora são contra o sistema educacional e que não é possível aplicar aqueles métodos em todas as turmas, demonstrando como a professora está além do sistema.

Essa característica nos leva a outro ponto também presente nos três filmes: a individualização dos professores. O fato dos professores apresentados sempre estarem em contraposição com a escola e outros funcionários e buscarem outros meios para a educação dos seus evidencia a precariedade do sistema educacional, mas também leva a uma solução singular. É preciso que a mudança na educação ocorra de forma coletiva, abrangendo o Estado, possibilitando uma modificação estrutural e não apenas atitudes isoladas que são reproduzíveis em cenários extremamente específicos.

António Nóvoa expõe como foi se construindo essa concepção individual do fazer docente e aponta dois fatores: a pouca atenção ao trabalho de pensar o trabalho, que envolve tarefas de concepção, análise, inovação, adaptação; e a facilidade de formação dos professores. Segundo o autor as consequências são “uma organização individual do trabalho docente e uma redução do potencial dos professores e das escolas” e “a entrada de indivíduos que jamais pensaram ser professores... dificultando um trabalho colectivo e

participado”(Nóvoa, 1999. p. 24). Ou seja, é visível que o trabalho individualizado reduz o potencial de criação e construção de um novo saber, já que este se torna mais efetivo quando realizado coletivamente.

Em Profissão Professor, o autor debate como a partir do século XIX, com a intervenção do Estado mais assídua na profissão docente, o professor foi perdendo seu prestígio, sua autonomia e conseqüentemente sua identidade, mais uma vez o individualizando. Assim, ao tratar da elaboração de um conjunto de normas e valores que possam reger e requalificar a profissão, considerando o coletivo, os educandos e a formação profissional, Nóvoa cita:

“A produção de uma cultura profissional dos professores é um trabalho longo, realizado no interior e no exterior da profissão, que obriga a intensas interações e partilhas. O novo profissionalismo docente tem de basear-se em regras éticas, nomeadamente no que diz respeito à relação com os restantes actores educativos, e na prestação de serviços de qualidade. A deontologia docente tem mesmo de integrar um component epedagógica, na medida em que não é aceitável a adopção de estratégias de discriminação ou de teorias de consagração das desigualdades sociais” (Nóvoa, 1999. p. 29).

Para concluir, a figura do professor como salvador demanda sua proximidade com os alunos e a intervenção dele em suas vidas. Assim, transformando seu presente e futuro, realizando o resgate do meio, na maioria das vezes degradante, em que eles estão inseridos. Nesse cenário, é possível identificar diversos momentos entre a aproximação dos três professores com os discentes e esse encontro torna-se ainda mais precioso cinematograficamente. Pois, com antecedência, é demonstrada a rejeição ou desconfiança em relação ao professor. Assim, esses momentos são exibidos com uma carga sentimental e geralmente estão acompanhados pela trilha sonora que tende a intensificar esses sentimentos.

No primeiro longa podemos identificar essa passagem quando o professor finalmente consolida a conquista dos alunos, levando-os ao museu, a montagem das cenas acontece de forma dinâmica, suscitando a música tema. Já no segundo, o Sr. Keating é levantado pelos alunos e jogado para cima após o professor apitar uma partida de futebol. Essa cena acontece em sequência a cena em que Todd consegue finalmente recitar o poema, acompanhada com um canto lírico, fomentando quase uma imagem celestial relativa ao professor. No terceiro, um dos momentos mais emotivos entre a Sra. Gruwell e sua turma é quando um dos alunos discursa para todos uma das partes de seu diário, expondo a relação afetiva que desenvolveu pela professora e pela sala de aula, na cena todos se emocionam.

Contudo, a aproximação entre os professores e seus alunos deve ter limites, é esse ponto que Paulo Freire discute em “Professora sim, tia não”<sup>15</sup>. O educador aponta para o equilíbrio entre o amor criado pelos alunos e a separação do professor como um familiar e um membro da classe trabalhadora. Para Freire, reduzir a figura da professora como “tia” pode acarretar no apagamento da docente como ser humano e profissional, inviabilizando sua participação nas greves, luta por direitos e tempo de descanso, colocando-a em um lugar de disponibilidade ilimitada.

“Professora, porém, é professora. Tia é tia. É possível ser tia sem amar os sobrinhos, sem gostar sequer de ser tia, mas não é possível ser professora sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que se faz. É mais fácil, porém, sendo professora, dizer que não gosta de ensinar, do que sendo tia, dizer que não gosta de ser tia. Reduzir a professora a tia joga um pouco com esse temor embutido – o de tia recusar ser tia”. (Freire, 1997. p. 18)

Para citar de maneira sucinta, observamos o docente ocupando esse lugar familiar quando a mãe de uma das aulas do Sr. Tacharey solicita a ele aconselhar sua filha devido a tamanha afeição e respeito que ela criou pelo professor. Para o Sr. Keating esses momentos são com Neil, que busca no professor o apoio ao teatro que não possui em casa, é através de seus conselhos que o jovem permanece acreditando em seus sonhos artísticos. Dentre os três filmes analisados, *Escritores da Liberdade* (2007) é o que a docente mais extrapola a barreira entre o pessoal e o profissional, inclusive essa atitude é pontuada com decorrência por seu cônjuge, tendo como consequência seu divórcio.

É preciso que os professores compreendam seus limites como educadores e dentro desse cenário depositem seu amor ao ofício de educar, dado que para Freire sem esse sentimento é impossível sobreviver às negatividades de seu fazer. No entanto, não há como deixar de citar que tamanha dedicação aos discentes é dada perante uma realidade de carência nos três casos, sendo essa falta estrutural, econômica ou familiar. Mais uma vez, pontuo que, para a mudança da educação, do lugar do professor e do aluno é necessária uma mudança estrutural, já que todos esses fatores estão diretamente atrelados.

## **8. A DISTÂNCIA ENTRE A TELA DE CINEMA E O QUADRO DE GIZ**

Por último, a questão central a ser debatida: o imaginário do professor salvador, representado em todos os filmes citados, apresenta-se como uma farsa?

---

<sup>15</sup> Freire, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

É importante lembrar que dois dos três filmes analisados são adaptações de biografias em que os professores realmente tiveram poder de mudança na realidade dos jovens. Todavia, vale ressaltar que esses casos são específicos e que foram construídos cinematograficamente para glorificar ainda mais o professor. No entanto, eles não apresentam a regra quanto a realidade do docente, muito menos como são vistos socialmente. Sobre as pesquisas recentes citadas anteriormente o discurso da mídia trata a educação como mercadoria e por consequência desconsidera a figura do professor ( Braga; Campos, 2016).

O cinema, assim como a História, trabalha a realidade que estamos inseridos, distinguindo-se pela possibilidade do uso da liberdade e a necessidade do método científico. É evidente que ambos, como produções realizadas pelas ações humanas, estão impregnados pela concepção de seu autor. No entanto, como essas áreas estão sempre relacionando-se com o imaginário humano, o reconhecimento e a proximidade com a realidade, o espectador é levado ao consumo de suas produções relevando a parcialidade ali existente. Para Marina Jorge (2013), a crença na imagem está além da falta de crítica de quem consome as produções, mas sim relacionada a forma culturalmente construída em nossa sociedade de associação do imaginário com o imagético, citando-a:

“O que podemos dizer sobre o cinema é que se trata de um discurso sobre o mundo no qual formas convencionais realistas, naturalistas e ilusionistas atravessaram o século XX e tornaram-se dominantes (em versões mais ou menos críticas); ao mesmo tempo em que se beneficiaram fortemente de uma relação ontológica entre meio técnico e representação que precede o século XX, e que pode ser reforçada por procedimentos estéticos e específicos do meio (como a montagem e o narrador), que estimulam uma leitura sem mediações por parte do espectador”.<sup>16</sup>

Partindo dessa colocação, é notável que os consumidores dos filmes os enxerguem como forma de representação fiel à sua realidade, principalmente quando o gênero fílmico não está nos quadros da fantasia, do onírico e do abstrato. Dito isso, eles não apenas identificam padrões de comportamento e ambientes, mas também estão sujeitos a construir concepções sobre o real a partir do imaginário apresentado.

“O imaginário pode, assim, produzir imagens, discursos, sentidos que afirmem o real, que confirmem a realidade do que existe, assim como também pode produzir imagens, discursos, sentidos que sejam ilusórios, que neguem a realidade ou sua

---

<sup>16</sup> Jorge, M. S. O cinema e a imagem verdadeira. *ARS (São Paulo)*, 11(22), 99-120. 2013



parte desagradável. O imaginário responde tanto pelos fantasmas, monstros e pesadelos quanto pelos pensamentos, discursos e devaneios”.<sup>17</sup>

Além do mais, é de extrema importância ressaltar o caráter mercadológico do cinema desde seus primórdios, principalmente de Hollywood, que surgiu por conta da patenteação dos cinematógrafos e competição entre os empresários<sup>18</sup>. É possível observar como ao longo do desenvolvimento do cinema suas modificações sempre estiveram ligadas ao retorno financeiro proporcionado, do 3D aos atuais filmes com ininterruptas sequências, a indústria sempre visou o retorno dos altos investimentos que os filmes exigem. A dependência entre indústria e cinema reforça mais uma vez a subjetividade intrínseca nos filmes, posto que, o diretor, os roteiristas e os demais profissionais da sétima arte trabalham sob a demanda das grandes produtoras, perdendo muitas vezes sua liberdade artística no processo.

Logo, os filmes analisados ao apresentarem a figura do professor salvador não estão reproduzindo de forma neutra a vida biográfica dos docentes, mas sim construindo uma narrativa com determinados propósitos, nesse caso a romantização da profissão. Essa afirmação não resulta na invalidação dos acontecimentos retratados nem na descrença da educação como transformadora social, mas sim se atenta para a problematização do individualismo e do caráter heróico presente nessas narrativas. Para Freire “é bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela essa transformação não se dá” (Freire, 1997, p. 35), ou seja, é possível modificar a sociedade com a educação, mas não somente através dela, tampouco por meio de uma dúzia de professores.

---

<sup>17</sup> Almeida, R. de. O cinema entre o real e o imaginário. *Revista USP*, (125), 89-98.2020.

<sup>18</sup> Bazin, A. *O que é o Cinema?* Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a figura atual da profissão professor encontra-se deteriorada, restrita aos baixos salários e as condições precárias que muitas vezes precisam enfrentar. Porém, em contraposição com esse imaginário, ainda perdura a imagem do docente como o responsável pela educação e sucesso dos jovens; o professor cuidador, a professora tia. Tal visão sobre a docência está relacionada à produção cinematográfica, neste artigo em especial a estadunidense, que ao colaborar com a narrativa dos professores como trajetórias do herói, os coloca nesse lugar de prestígio e salvação.

Dentro desses discursos, é possível identificar características em comum como a chegada em um ambiente desconhecido que pouco acolhe o profissional, a presença de um antagonista, a ação individual e assertiva do docente e seus momentos de redenção e exaltação. Assim, por meio dessa fórmula narrativa em junção aos artifícios cinematográficos, os que mais apresentaram destaque: montagem, trilha sonora e posicionamento de câmera, cria-se uma imagem do professor que ultrapassa sua vivência e a realidade possível. Enquanto *Ao Mestre, com Carinho (1967)*, *Sociedade dos Poetas Mortos (1989)* e *Escritores da Liberdade (2007)*, exibem as mazelas e a beleza do ensinar, tendo como mensagem final que a dedicação incondicional e a afeição pelos alunos valem o trabalho árduo, Nóvoa e Freire demonstram como a profissão professor é sujeita de transformações e necessitada de limites.

Desse modo, o “modelo” de professor ideal não está totalmente alheio aos filmes analisados neste artigo, mas sim idealizados por conta da linguagem cinematográfica e de suas peculiaridades de cada trajetória. Acredito, a partir do que foi discutido, que é possível desenvolver uma educação afetuosa, levando em consideração a realidade dos alunos e suas necessidades, mas sem deixar de lado a cidadania do próprio docente e sua inserção no coletivo e no sistema educacional. Afinal, a educação ainda é um sistema administrativo, como afirma Nóvoa<sup>19</sup>, cuja ação é executar leis e promover políticas, tornando desgastante e ineficazes atitudes individualmente heróicas que não contemplem a transformação do todo.

Dessa forma, o fazer docente precisa se equilibrar entre a luta pela sua autonomia, a formação exigente, científica e a sensibilidade de lidar com outros seres humanos em processo de formação. A partir das obras analisadas é visto que é indispensável ao professor a criação de vínculos afetivos, laços que devem ser construídos de maneira consciente, com

---

<sup>19</sup> Nóvoa, A.. O passado e o presente dos professores. In: Nóvoa, A.(org.) Profissão professor. Portugal: Porto Editora, 2ª edição, 1999, p. 13-31

limites ao educador e ao estudante, sem a romantização exacerbada do cinema, mas com a leveza que merece a vida.

## REFERÊNCIAS FÍLMICAS

AO MESTRE, COM CARINHO. Direção: James Clavell. Produção de James Clavell. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1967.

ESCRITORES DA LIBERDADE. Direção: Richard LaGravenese. Produção de Danny DeVito, Michael Shamberg, Stacey Sher. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2007.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS. Direção: Peter Weir. Estados Unidos: Walt Disney Studios, 1989.

## REFERÊNCIAS

Aimée, Tami. “Ao Mestre Com Carinho” Completa 50 Anos E Ainda É Lembrado Como Pioneiro No Tema Educação”. *Woomagazine*. 7 de julho de 2017. Disponível em: <<https://woomagazine.com.br/ao-mestre-com-carinho-completa-50-anos-e-ainda-e-lebrado-como-pioneiro-no-tema-educacao/>> Acesso em: 08 de agosto de 2023.

Almeida, R. de. O cinema entre o real e o imaginário. *Revista USP*, (125), 89-98. 2020.

Arendt, H. *Conceito de História – Antigo e Moderno*. In: *Entre o Passado e o Futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Bazin, A. *O que é o Cinema?* Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Braga, Claudomilson Fernandes; Campos, Pedro Humberto Faria. *Representações sociais e comunicação: a imagem social do professor na mídia e seus reflexos na (RE) significação identitária*. Goiânia: Kelps, 2016.

Braithwaite, E. R. *To Sir, With Love*. United Kingdom: Bodley Head, 1959.

Dalton, M. O currículo de Hollywood: quem é o "bom " professor, quem é a "boa" professora?. *Educação & Realidade*, 21(1). 2017.

Citelli, Adilson Odair. *Educomunicação: imagens do professor na mídia*. São Paulo: Paulinas, 2012.

Gruwell, Erin. *The Freedom Writers Diary: How a Teacher and 150 Teens Used Writing to Change Themselves and the World Around Them*. United States: Tyrell Wickoson, 1999.

IMDb. c 1990-2023. Disponível em: <<https://www.imdb.com/>> Acesso em: 08 de agosto de 2023.

Ferreira, Ricardo. “Ao Mestre, Com Carinho”, com mais de meio século, inovou na abordagem do racismo. **Jornal da USP**. 24 de abril de 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/ao-mestre-com-carinho-com-mais-de-meio-seculo-inovou-na-abordagem-do-racismo/>> Acesso em: 08 de agosto de 2023.

Freire, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

Jorge, M. S. O cinema e a imagem verdadeira. *ARS (São Paulo)*, 11(22), 99-120. 2013.

José d'Assunção Barros. Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história. *Ler História [Online]*, 52. 2007.

Lulu. To Sir, with Love. Epic Records [1967]. (2min47s).

Marc Ferro. *Cinema e História*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2010.

Nóvoa, A.. O passado e o presente dos professores. In: Nóvoa, A.(org.) *Profissão professor*. Portugal: Porto Editora, 2<sup>a</sup> edição, 1999.

Rosenstone, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.